

## O PAPEL DO PROFESSOR E DOS COMANDOS TEXTUAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DA COERÊNCIA

Lília SCHAINIUKA<sup>1</sup>

*ABSTRACT: In this research we analyzed students' of the third year of High School texts, studying the coherence. We compared two versions written by the same group: the first in which the teacher just supplied the theme and the second where the teacher worked the theme, the structure of the text, defined a reader and assumed the mediator role. The type of analyzed text is the "dissertation" and to study the coherence we defined four criterions: repetition, progression, no-contradiction and relation. Through the analysis of the texts, we noticed that in the first written version the students had larger difficulty to write, presenting texts, in his/her majority, with relation and progression problems. They presented difficulties in the structure of the dissertation. In the second version most of the texts didn't present coherence problems and didn't present adaptation difficulty to the type of requested text.*

*KEYWORDS: Text; Teacher; High School; Coherence.*

### 1. Introdução

Um assunto que tem ganhado bastante destaque nas discussões acadêmicas, revistas relacionadas à educação e também na mídia, é a questão da produção textual: como nossos alunos estão escrevendo e como os professores, de Língua Portuguesa, trabalham com a produção textual em sala de aula.

Por parte da mídia, muitas críticas surgem para as redações dos alunos brasileiros. As chamadas "pérolas do ENEM" circulam nos *e-mails* e nos programas de televisão. Para muitos, estas pérolas são tidas como diversão e grande alvo para criticar a educação brasileira, mas para nós professores e pesquisadores de Língua Materna representam uma grande preocupação em relação ao ensino da produção textual.

Justamente pela preocupação com o modo que nossos alunos escrevem, resolvemos por meio desta pesquisa analisar em textos de alunos, de uma turma de 3º ano do Ensino Médio, um dos fatores fundamentais em uma produção textual – a coerência.

Analisar somente a coerência e o modo como os alunos escrevem, não sanaria todos os nossos questionamentos, resolvemos então investigar também o papel que o professor desempenha na produção textual do aluno. Analisamos então, duas versões de textos: a primeira em que a professora apenas fornece ao aluno a temática sobre a qual ele deve escrever e a segunda em que a professora trabalha a temática com os alunos, a estrutura do tipo de texto solicitado, e ainda participa como mediadora, auxiliando na construção de cada parte do texto. Além disso, a professora define um interlocutor para o qual os alunos devem dirigir a escrita. Com isso, pretendemos descobrir se existe diferença entre uma versão e outra, no que diz respeito à construção da coerência.

Detivemos nossa investigação em textos escritos por alunos do 3º ano do Ensino Médio por se tratar da última etapa da educação básica, e assim, o esperado é que estes alunos já possuam um domínio maior da escrita e também de como escrever de acordo com o tipo de texto solicitado. Os textos analisados são escritos por alunos de uma escola pública situada no

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras; Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES/REUNI.

município de Reserva, estado do Paraná. Todos os alunos que participaram da pesquisa são integrantes da mesma turma de 3º ano e produziram as duas versões de texto aqui analisados.

Quanto ao tipo de texto a ser analisado, optamos pela dissertação por ser um dos tipos de texto mais trabalhados em sala de aula e um dos mais pedidos em provas de vestibular e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O esperado é que os alunos concluintes do Ensino Médio tenham o domínio deste tipo textual. Além disso, a dissertação faz parte dos conteúdos trabalhados no 3º ano, assim, nossa pesquisa não iria interferir no trabalho da professora e no cumprimento dos conteúdos estabelecidos.

Em síntese, por meio deste trabalho, pretendemos averiguar e descrever as possíveis diferenças existentes entre as duas versões de textos solicitadas aos alunos (textos produzidos sem a intervenção do professor e textos produzidos com a intervenção do professor como mediador) no que diz respeito à coerência textual.

Para dar conta desta temática e de nossos questionamentos, definimos os seguintes objetivos:

- Analisar a coerência nas duas versões de textos escritos por alunos do Ensino Médio, a primeira versão sem interferência do professor, sem comandos e a segunda com intervenção do professor como mediador, fornecendo aos alunos os comandos necessários para a escrita;
- Identificar as possíveis diferenças existentes entre as versões analisadas, no que diz respeito à coerência;
- Descrever o que ocorreu com mais frequência nos textos da primeira e segunda versão.

Na próxima seção, apresentamos os conceitos de texto e coerência que norteiam a nossa pesquisa e que são tidos como base para nossa análise.

## **2. Produção textual e coerência**

Definir o que é um texto não é uma das tarefas mais fáceis. Aqui concebemos o texto como uma unidade linguística, utilizada pelos usuários da língua em um momento de interação comunicativa. Nós nos comunicamos por meio de textos, sejam orais ou escritos. E o texto só é, de fato, um texto quando apresenta um sentido, um significado, independente da quantidade de palavras e sentenças que possua.

Quando falamos em sentido de um texto estamos falando de coerência. Ela é responsável pela boa formação de um texto, não em termos gramaticais formais, mas em termos de interação – ela faz com que o texto consiga transmitir a sua mensagem e atuar sobre o interlocutor, sem maiores problemas de comunicação. Saliente-se ainda que a coerência não está relacionada apenas ao sentido das palavras e sentenças presentes no texto, mas com seu sentido global. Ela é tida também como uma sequência de sentidos perceptíveis ao longo do texto, mas que é dependente da situação sócio-comunicativa na qual ele foi produzido e veiculado.

Importante se faz ressaltar que a coerência além de depender da boa organização das ideias em uma produção textual, depende igualmente do interlocutor, é este que vai atribuir sentido ao texto, fazendo inferências, pelos seus conhecimentos - prévios, enciclopédicos, capacidade de pressuposição etc. – complementando o texto e reconhecendo assim a sua mensagem. Mas, para que o leitor possa estabelecer sentido para um texto, ou seja, compreendê-lo, o locutor precisa respeitar alguns critérios de produção, pois falhas na elaboração do texto (inadequações no discurso), como, por exemplo, sentenças ambíguas e/ou contraditórias, podem comprometer a coerência, impossibilitando a comunicação e prejudicando o papel principal da linguagem – a interação. Afinal, um texto nunca é

produzido para nada, há sempre alguém que produz para alguém, visando um determinado objetivo, e sem a coerência o objetivo certamente não será alcançado.

Não podemos falar de coerência sem falar de coesão textual, que diz respeito à ligação entre os elementos de um texto, ou seja, ao modo como as sentenças ou parte delas se combinam. Bem diferente da coerência, a coesão é facilmente detectada através das marcas linguísticas, que aparecem na superfície do texto. Estas marcas linguísticas podem ser percebidas nos elementos de referência (pessoal, demonstrativa, comparativa), de substituição (nominal, verbal, frasal) e nas marcas de coesão lexical (repetição, uso de nomes genéricos) (KOCH, 2007).

A coesão permite que o texto apresente conexão sequencial – que faz com que os dados, fatos, argumentos etc., presentes na produção, relacionem-se entre si, facilitando a transmissão da mensagem desejada. Neste momento vale lembrar que a coesão representa um auxílio na construção da coerência, ademais um texto pode ser coerente sem apresentar elementos coesivos: “É importante registrar que o nexos é indispensável para que uma sequência de frases possa ser reconhecida como texto. Entretanto esse nexos nem sempre precisa estar explícito na superfície do texto por um mecanismo de coesão gramatical.” (COSTA VAL, 2006, p. 7)

Charolles, linguísta francês, propõe uma distinção entre dois níveis de organização textual (coesão) – microestrutural e macroestrutural. A microestrutural está relacionada à coerência que se estabelece (ou não) entre as sentenças de uma sequência linguística, isso em uma análise local. A macroestrutural está ligada ao nível global do texto, ou seja, às relações existentes entre as sequências consecutivas de um texto. E, para que um texto seja microestruturalmente e macroestruturalmente coerente, Charolles descreve que esse precisa satisfazer a quatro critérios: repetição, progressão, não-contradição e relação (CHAROLLES, 1977 apud ORLANDI; GALVES; OTONI; 1997).

A repetição diz respeito à retomada de ideias ao longo do discurso, para que o interlocutor não perca o foco do texto. Este princípio está ligado à continuidade do texto, ao desenvolvimento contínuo do tema expresso na produção textual. No que concerne à coerência, a repetição aparece por meio da retomada do tema central e de conceitos antes apresentados. Na coesão, por meio de empregos de recursos linguísticos, tais como pronominalização, repetição de palavras, uso de pronomes demonstrativos, artigos definidos, entre outros, para fazer referência a termos já mencionados. Sendo assim, analisar a repetição em textos escritos consiste em observar se existem na produção textual elementos de recorrência escrita, que fazem com que o leitor mantenha-se atento ao assunto tratado no texto e possa assim atribuir coerência ao discurso.

A meta-regra de progressão diz que o texto além de retomar suas ideias e conceitos, também precisa acrescentar ideias novas às que já vinham sendo tratadas – precisa renovar o campo semântico. Este acréscimo de conteúdo é responsável por fazer o texto progredir. Ao analisar a progressão em um texto, averiguamos se este possui um desenvolvimento em seu conteúdo, se o locutor consegue renovar a produção textual ao longo de suas linhas, acrescentando novos tópicos que se relacionam com os já citados, enriquecendo assim a produção e fornecendo novas informações ao interlocutor.

A próxima meta-regra é a não-contradição – para que um texto seja coerente ele não pode ter em seu desenvolvimento elementos semânticos que contradigam o que foi dito anteriormente, e o discurso não pode contradizer o mundo a que se refere. Esta meta-regra deve ser analisada tanto no âmbito interno, quanto no externo do texto. Para ser coerente internamente, o texto necessita respeitar alguns princípios lógicos. Se ao longo do discurso diz-se que A é B, não se pode dizer que A é C, é preciso manter a lógica do que está sendo dito. E, para ser coerente externamente, o texto precisa estar de acordo com o mundo referido

no discurso. Um texto que se refere ao mundo real, por exemplo, deve respeitar alguns princípios básicos – os objetos possuem pesos, as causas têm efeitos, dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, entre outros.

A última meta-regra é a de relação que está ligada à articulação estabelecida entre os fatos, elementos, sentenças, presentes no texto. Para um texto ser coerente é necessário que seus elementos estejam relacionados, e estas relações podem ser apresentadas explicitamente no texto por meio de marcas linguísticas (elementos coesivos), ou podem se estabelecer no plano lógico-semântico (coerência). Para a construção de um texto escrito coerente é importante que o locutor consiga relacionar, de maneira satisfatória, os conteúdos apresentados. Como dizemos, precisa “amarrar uma ideia a outra”, para que forme um todo significativo.

Como remate é importante frisar que a construção da coerência depende de vários fatores: linguísticos, discursivos, cognitivos, pragmáticos e outros. Acionar este conjunto de fatores não depende somente do locutor, mas também do interlocutor e da situação sócio-comunicativa.

Na seção seguinte, apresentamos uma discussão sobre a produção textual em sala de aula e o importante papel que o professor desempenha na produção textual dos alunos.

### **3. A produção textual na sala de aula e o papel do professor como mediador**

Geralmente, quando se pensa em produção textual em sala de aula, pensa-se no texto como uma forma de avaliação: o aluno produz o que foi solicitado pelo professor, pensando somente na obtenção de nota. E o docente tem o papel de corrigir este texto e atribuir uma nota de acordo com seus critérios de avaliação. Essa é a relação mais comum entre texto, aluno e professor, que encontramos no contexto escolar. Deste processo falho é que resultam os textos de alunos criticados em revistas, programas de televisão, páginas na *internet*, e que também servem de diversão a muitas pessoas.

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), ao falarem da produção textual, ressaltam a importância de quatro critérios para a produção escrita: finalidade, especificidade do gênero, lugares preferenciais de circulação e interlocutor eleito. Estes seriam os comandos tidos como base para que o aluno produzisse seu texto. Sendo assim, antes de começar a escrever um texto o aluno deveria ter em mente: 1º) o motivo que o leva a escrever o texto, o objetivo que ele quer atingir com o texto; 2º) de que maneira este texto deve ser escrito, que gênero seria mais adequado para a finalidade estabelecida; 3º) em que lugar este texto será exposto, onde irá circular; e 4º) quem vai ler este texto, que tipo de público. A partir da seleção destas informações, o aluno poderia adequar o seu discurso, escolhendo a linguagem mais adequada, as informações ou argumentos necessários, as expressões linguísticas que fossem ao encontro de seus objetivos (MENEGASSI, 2003).

Esses comandos quase sempre são expostos aos alunos pelo professor e/ou pelo livro didático. Entretanto, sabemos que muitas vezes as únicas coisas que o professor e/ou livro expõe é o tema, sobre o que o aluno deve escrever e o gênero que deve seguir. Não se define o interlocutor, o “para quem o aluno vai escrever” e nem a finalidade do texto. Quando isso acontece, o aluno acaba escrevendo para o professor, tendo o docente como interlocutor e a finalidade é sempre a mesma, “escrever para ser avaliado”. O aluno, muitas vezes, acaba deixando de acrescentar ao texto informações necessárias, ou deixa de elaborar melhor o texto, por imaginar que o professor entenderá o que ele quer dizer. Além disso, essa forma de solicitar a produção textual desmotiva muito o aluno na hora de escrever, uma vez que ele não consegue atribuir uma finalidade para a escrita, acaba encarando-a como uma mera atividade escolar. E, não consegue se conceber como autor.

Numa nova perspectiva o texto produzido pelo aluno na sala de aula deveria apresentar o papel de “interação comunicativa”. O aluno antes de escrever deveria ter em mente o que vai escrever, para quem vai escrever, com que propósito vai escrever, que tipo de linguagem vai utilizar, e também deveria buscar conhecimentos, informações, sobre o que vai escrever. O professor deve exercer um papel de mediador, levando os alunos a pensar sobre determinados temas, a discutir o assunto a ser trabalhado na produção textual, a instigá-los a buscar informações sobre a temática solicitada e textos base para a produção textual. Geraldi (2001) diz que a sala de aula deve ser um lugar de interação verbal e por isso mesmo de diálogos entre sujeitos, ambos portadores de saberes diferentes. Alunos e professores compartilham seus conhecimentos, seus saberes e discutem juntamente outros textos (conhecimentos). Deste modo, o conhecimento prévio do aluno, o seu ponto de vista, as discussões realizadas em sala de aula, as leituras, são o que orientam o aluno na sua produção textual. O professor tem um papel extremamente importante na produção textual do seu aluno. Suas intervenções antes e durante a elaboração do texto podem ajudar, de modo significativo, a compreensão do aluno sobre o funcionamento da escrita e, também, na construção da coerência, mostrando assim ao aluno a verdadeira função da língua – a interação.

O docente deve trabalhar como um mediador: proporcionar leituras e atividades prévias para que o aluno tenha mais informações sobre o assunto que vai escrever; deve estimular no estudante o pensamento crítico sobre o assunto; auxiliar na estrutura do gênero abordado; e se necessário, trabalhar com a reescrita/reestruturação do texto. Assim, com o tempo, o aluno já saberá os procedimentos que deve seguir na produção de um texto e se tornará, cada vez mais, independente, autônomo em sua escrita.

Em virtude destas considerações percebemos que o professor deve assumir-se como mediador no processo da produção textual, auxiliando os alunos na compreensão do funcionamento da língua escrita e na conscientização do papel da linguagem. A produção textual deve deixar de ser uma atividade artificial, para assumir o seu verdadeiro papel: a interação entre os sujeitos.

Na próxima seção descreveremos como nossa pesquisa foi realizada.

#### **4. Procedimentos metodológicos**

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, pois tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento. Este tipo de pesquisa propõe um contato direto com o que está sendo investigado, entretanto o pesquisador deve ser neutro para entender e explicar o comportamento humano. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Este modelo se encaixa perfeitamente em nossa pesquisa, uma vez que analisamos textos escritos por alunos e o papel do professor frente à produção textual na escola. Em termos de procedimentos analíticos, descrevemos inicialmente o tema proposto para a produção da primeira versão do texto e, em seguida, descrevemos o tema e os procedimentos realizados pela professora para a produção da segunda versão do texto. Depois analisamos todos os textos que compõem o *corpus* e, na sequência, realizamos análises qualitativas comparativas entre as versões que representam o que ocorreu com mais frequência no *corpus*.

Em termos epistemológicos, procuramos fazer um apanhado teórico na Linguística Textual, a fim de discutir os conceitos teóricos relevantes para este trabalho. Embasamos, assim, a discussão nas obras de Ingedore Koch e Costa Val, relacionadas ao texto e a coerência. A análise da coerência em nosso trabalho se dá a partir da análise das meta-regras estabelecidas por Charroles: repetição, progressão, não-contradição e relação. Para falarmos do papel do professor no texto produzido na sala de aula utilizamos como base Geraldi e Menegassi.

Nossa pesquisa foi realizada em uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública situada no município de Reserva, estado do Paraná, no ano de 2009. A turma analisada estuda no turno vespertino e é composta por 40 alunos.

Em relação ao tipo de texto a ser analisado, optamos pela dissertação (texto de opinião), por se tratar de um dos tipos de textos mais trabalhados em sala de aula e um dos mais solicitados em provas de vestibular e até mesmo no ENEM. Registre-se ainda que, analisando o texto dissertativo, temos também a oportunidade de observar como nossos alunos estão argumentando, como eles apresentam e organizam suas opiniões.

Além de analisar a coerência nos textos que fazem parte do *corpus*, resolvemos verificar a influência da participação do professor, como mediador, na produção textual dentro da sala de aula. Analisamos duas versões de textos produzidos por alunos do 3º ano. Na primeira a professora apenas disse a temática e na segunda atuou como mediadora na elaboração dos textos e forneceu os comandos textuais necessários para a escrita.

#### 4.1 Propostas e produção dos textos

Para a primeira versão dos textos a professora apenas disse aos alunos o tema sobre o qual eles deveriam escrever: “Existem profissões específicas para homens e para mulheres?”, e pediu que escrevessem um texto manifestando a opinião sobre o tema. Antes de ser questionada pelos alunos sobre os poucos comandos dados (já que estão acostumados a receber desta professora mais comandos para escrever), ela explicou que este processo fazia parte de uma pesquisa. Os alunos escreveram o primeiro texto somente a partir do questionamento, e a professora não interveio em nenhuma das redações.

Para a elaboração da segunda versão do texto o processo foi bem diferente e mais longo. Importante salientar que para a segunda versão a temática não foi a mesma, devido ao fato de que os alunos poderiam se sentir desmotivados a escrever sobre o mesmo tema. Nesta versão o tema foi o seguinte: “O aumento da gravidez na adolescência”. Num primeiro momento a professora solicitou que os alunos procurassem, nos diversos meios de comunicação, textos que falassem sobre a temática em questão. Os alunos, na aula seguinte, trouxeram para a sala de aula diversos textos que falavam sobre a gravidez na adolescência, vindos de diversas fontes: jornais, revistas, *internet*. A professora, então, dividiu a turma em grupos de quatro pessoas e pediu para que fizessem a leitura dos textos encontrados na pesquisa e discutissem com os colegas manifestando a sua opinião. Após esta discussão os alunos leram para a turma alguns dos textos trazidos para a sala de aula, cada um manifestou a sua opinião sobre o tema e a professora sempre questionando as opiniões dos alunos, a fim de que estes sustentassem ainda mais seus posicionamentos.

Na sequência, a docente explicou o que é um argumento a partir da discussão realizada anteriormente. Após a explicação, os alunos formularam seus argumentos sobre a temática, com a ajuda da professora, e esses foram colocados no quadro.

Tendo os argumentos apurados, ela explicou aos alunos o que é uma dissertação argumentativa e a função deste texto: tentar convencer os outros das suas ideias, da sua opinião. Em seguida mostrou a estrutura de um texto dissertativo, utilizando-se de um modelo típico de dissertação composta por introdução, desenvolvimento e conclusão. E expôs aos alunos como os argumentos devem ser apresentados e desenvolvidos no texto.

Depois, a professora solicitou que os alunos se posicionassem a respeito da temática e utilizassem os argumentos que estavam no quadro ou criassem novos argumentos para defender o seu posicionamento. Importante dizer que antes dos alunos iniciarem a produção, ela delimitou o interlocutor, que seria a outra turma do 3º ano do Ensino Médio do mesmo colégio. E explicou que os textos seriam lidos pelos alunos dessa turma.

Em seguida, a professora pediu para que os estudantes escrevessem a introdução do texto, e deu a eles um modelo de como estruturar a introdução: apresentar na introdução o tema e citar os argumentos selecionados para defendê-lo. Os alunos começaram a escrever a introdução e a professora, no momento da elaboração da introdução, atuou como mediadora, olhando cada texto e dando dicas aos alunos de como melhorar a produção.

Pronta a introdução, eles partiram para o desenvolvimento do texto. Antes de iniciarem o desenvolvimento a docente explicou como deve ser elaborada esta parte do texto. Disse aos alunos para selecionarem pelo menos dois argumentos citados na introdução e falar sobre estes argumentos, colocar tudo que sabem a respeito, se possível, utilizar exemplos ou citações para reforçar o que está sendo dito. Mostrou como devem expor exemplos e citações.

Com a introdução e o desenvolvimento prontos os alunos partiram para a conclusão. A professora então explicou que a conclusão é o fechamento das ideias e que o aluno pode retomar algumas coisas ditas no primeiro parágrafo e então concluir seu pensamento. A docente também apresentou aos alunos algumas expressões utilizadas para a conclusão de uma dissertação.

E por último, ela questionou os alunos a respeito do título. Explicou que este geralmente é o último elemento a ser colocado em um texto, pois com os demais conteúdos definidos fica mais fácil a escolha do título. Orientou ainda os alunos para que colocassem um título curto e criativo para chamar a atenção do leitor, fazer com que o leitor se interesse pelo texto e, então, o leia.

Importante se faz dizer que em todo o processo de escrita desta segunda versão a professora atuou como mediadora, analisando, questionando e dando sugestões sobre cada parte do texto do aluno. O aluno não escrevia o desenvolvimento antes de ter escrito e reestruturado (com ajuda da professora) a introdução, e não escrevia a conclusão sem antes escrever e reestruturar o desenvolvimento.

Obviamente, que para a escrita da segunda versão do texto os alunos levaram um tempo maior para escrever do que na primeira versão.

## 5. Análise dos textos

Nesta seção pretendemos demonstrar e descrever os resultados obtidos na análise dos textos dos alunos, na primeira e segunda versão.

É relevante lembrar que em nossa pesquisa observamos e descrevemos os textos a partir dos quatro critérios estabelecidos para análise da coerência: repetição, relação, progressão e não-contradição. E para demonstrar os resultados alcançados, na primeira e segunda versão, transcrevemos e analisamos aqui um texto de cada versão que demonstra o que ocorreu com mais frequência no *corpus*.

Antes de partir para a análise qualitativa dos textos, apresentamos em números os resultados obtidos por meio da nossa análise, a fim de mostrar objetivamente as maiores ocorrências e a diferença encontrada na análise geral dos textos das duas versões. Faz-se importante ressaltar que dos textos recolhidos fizemos análise de 20 textos da primeira versão e 20 da segunda. Preocupamo-nos em selecionar, nas duas versões, textos escritos pelos mesmos alunos, a fim de que o resultado fosse mais preciso. Destaque-se também que em alguns textos encontramos mais de uma falha na construção da coerência.

Segue abaixo duas tabelas correspondentes aos resultados obtidos.

<b>Textos da primeira versão – sem a participação da professora</b>	
<b>Falha de coerência</b>	<b>Número de textos</b>
Falha de relação	12
Falha de progressão	07
Falha de repetição	02
Falha de não-contradição	06
Sem problemas de coerência	03
Total	30

Como vemos na tabela, dos textos pertencentes à primeira versão a maior falha está na relação, seguida da progressão. E o número de falhas é relevante, uma vez que apenas 03 textos não apresentaram maiores problemas de coerência.

<b>Textos da segunda versão – com a participação da professora</b>	
<b>Falha de coerência</b>	<b>Número de textos</b>
Falha de relação	06
Falha de progressão	01
Falha de repetição	01
Falha de não-contradição	00
Sem problemas de coerência	12
Total	20

Nos textos da segunda versão a ocorrência de falhas de coerência é menor, e dos 20 textos analisados 12 não apresentam falha na elaboração da coerência. Dos textos que apresentam problemas de coerência há falhas em apenas um dos requisitos de análise. A diferença entre as versões é significativa.

Em relação à adequação ao tipo de texto solicitado, a dissertação, na primeira versão escrita 40% dos textos (08 textos) apresentam falha na adaptação, o mais frequente são frases como: “eu acho”, “na minha opinião”; frases que teoricamente não poderiam fazer parte deste tipo de texto. Na segunda versão nenhum texto apresenta falha na adequação ao tipo de texto.

Na sequência, apresentamos a transcrição e análise interpretativa dos dois textos selecionados, começando pelo texto da primeira versão.

### **5.1 Análise do texto da primeira versão**

O texto aqui analisado faz parte da primeira versão escrita, a qual a professora apenas definiu o tema: “Existem profissões específicas para homens e para mulheres?”, e pediu para que os alunos escrevessem uma dissertação, sem explicar a estrutura do tipo de texto, sem definir interlocutor e sem auxiliá-los na escrita. Este texto é um exemplo típico do que ocorreu com bastante frequência nos textos analisados, e apresenta falha de progressão e não-contradição.

#### Não desista

No mundo inteiro existem varias profissões, umas só para homem e outras só para mulheres. mas não podemos esquecer das profissões que os dois podem exercer. Já que tem varias opções tente escolher a que realmente gosta.

Se você quer exercer a profissão que gosta, admira não desista nem que alguma coisa esteja te atrapalhando, vá atrás para garantir seu futuro fazendo o que você escolheu para si mesmo, e não se preocupe com preconceitos das outras pessoas sobre sua profissão.

Cada uma delas tem sua importância seja para você ou por todos da cidade ou do país onde mora. Não tenha preconceitos com as profissões das outras pessoas faça a sua parte, por que é muito dificio conviver com esse tipo de desrespeito por fazer algo que quer para a vida.

Cláudio

No primeiro parágrafo o aluno Cláudio afirma que existem profissões “só para homens e outras só para mulheres”. No entanto, durante todo o texto o aluno defende a ideia de que não devemos ter preconceitos com a profissão dos outros, e que não devemos desistir da profissão que queremos seguir: “Se você quer exercer a profissão que gosta, admira não desista nem que alguma coisa esteja te atrapalhando (...)”, neste momento percebemos que o aluno se contradiz, uma vez que ao afirmar que existem profissões só para homens e só para mulheres está, de certo modo, sendo preconceituoso e mais tarde faz um discurso contra este tipo de preconceito: “Não tenha preconceitos com as profissões das outras pessoas faça a sua parte, por que é muito dificio conviver com esse tipo de desrespeito (...)”.

Outra falha na construção da coerência que podemos perceber está na progressão, o aluno não consegue renovar o conteúdo nos parágrafos, repetindo assim, durante todo o texto a mesma ideia: tente escolher a profissão que gosta para exercer, não tenha preconceito com a profissão do outro e não ligue para preconceitos. Deste modo, o texto apresenta pouca informatividade, o que não contribui em nada para trazer um novo conhecimento para o leitor.

Além dos erros de ortografia “opções, atrás, dificio”, percebe-se também a dificuldade do aluno em argumentar, em defender sua opinião. Não há argumentos sólidos capazes de convencer o leitor de algo, e o texto mais parece um texto de autoajuda do que um texto dissertativo argumentativo.

Concluimos então, que o aluno Cláudio apresenta bastante dificuldade em elaborar argumentos, repetindo sempre os mesmos, e também em organizar o texto, apresentando contradição entre os conteúdos.

## 5.2 Análise do texto da segunda versão

O texto analisado na sequência faz parte da segunda versão escrita pelos alunos, em que a docente discutiu com eles a temática “gravidez na adolescência”; explicou o que é uma dissertação, passou um modelo para elaborar este tipo de texto, definiu um interlocutor (a outra turma de 3º ano do Ensino Médio do mesmo colégio) e acompanhou a produção passo a passo auxiliando quando necessário. Descrevemos aqui, um texto que representa bem o que ocorreu com mais frequência nos textos da segunda versão: textos sem maiores problemas de coerência e bem estruturados de acordo com o tipo de texto solicitado.

#### Limites

A Gravidez na adolescência está aumentando devido a ausência de diálogo com os pais e a falta de responsabilidade de alguns jovens.

Nos dias de hoje, a falta de um diálogo aberto entre pais e filhos é constante. Os filhos ficam envergonhados em fazerem perguntas sobre sexo para seus pais, que também tem um certo receio em comentar esse assunto. As escolas

passam informações, explicações orientando os jovens sobre a gravidez, doenças sexualmente transmissíveis, etc. Se os pais de alguma forma também falassem sobre isso, seus filhos iriam compreender melhor e tirariam suas dúvidas de uma maneira natural.

A falta de responsabilidade é outro assunto comentado em relação à alguns jovens de hoje. Eles agem de uma maneira espontânea, sem pensar que seus atos podem trazer conseqüências muitas vezes ruim, para si mesmo e para o próximo. É claro que existem os responsáveis, com idéias já formadas e um aspecto mais maduro em relação ao sexo, mas são a minoria.

Desse modo percebemos que o problema está se agravando cada dia mais. Se os pais imporem limites e zelarem pela educação dos filhos, talvez essa situação mude e nossos jovens vivam em menos conflitos e com mais responsabilidade.

Luísa

O texto acima não apresenta maiores problemas de coerência e nem falhas em relação à estrutura do tipo de texto – dissertação. No primeiro parágrafo a aluna Luísa apresenta sua tese, o que vai defender. Em seguida, no segundo parágrafo argumenta sobre a falta de diálogo entre pais e filhos, o que contribui para a gravidez na adolescência, e apresenta uma medida a ser tomada para que o problema da gravidez na adolescência seja amenizado, fechando assim o segundo parágrafo.

No terceiro, a aluna discute outra problemática apresentada no início “a falta de responsabilidade de alguns jovens”, e faz a conexão com o segundo parágrafo por meio da expressão: “A falta de responsabilidade é outro assunto comentado em relação a alguns jovens de hoje.”, que faz com o que o leitor perceba a relação entre o que foi dito e o que está sendo dito.

No último parágrafo, a aluna retoma a problemática, apresentando a responsabilidade dos pais e dos jovens em relação à gravidez na adolescência, e apresenta uma das medidas que podem ser tomadas para que a situação mude.

Apesar do texto não apresentar muitos argumentos, não há falhas na progressão, pois a aluna consegue falar dos argumentos sem ser repetitiva demais.

## 6. Considerações finais

Analisar textos de alunos é uma ótima maneira de refletir sobre o trabalho docente em sala de aula e as metodologias utilizadas nas aulas de produção textual. Por meio das falhas dos alunos é que podemos perceber o que precisa ser aprimorado e o que merece nossa atenção no momento da produção escrita.

Esta pesquisa foi de total relevância, pois através dela pudemos perceber que o professor de Língua Portuguesa tem um papel fundamental na prática da escrita do aluno. Com os resultados obtidos por meio das análises das produções textuais ficou bem evidente que os alunos tiveram um desempenho melhor na escrita do segundo texto do que do primeiro. Na primeira versão, a professora apenas forneceu aos alunos a temática sobre a qual deveriam escrever e disse para escrever uma dissertação, sem dar explicações. Já na segunda, a docente trabalhou a temática solicitada, definiu interlocutor, explicou a estrutura do tipo de texto e exerceu o trabalho de mediadora auxiliando os alunos na escrita, quando necessário.

Na primeira versão analisada o que vimos, na maioria dos casos, foram textos com falhas de relação, progressão e com ideias contraditórias. Além disso, os alunos apresentaram muita dificuldade em adequar a escrita ao tipo de texto solicitado, a dissertação. Dos vinte textos analisados da primeira versão somente três não apresentaram problemas de coerência.

Nos textos da segunda versão, a maioria (12 textos) não apresentou problemas de coerência, e todas as produções se adequaram perfeitamente ao tipo de texto solicitado. Os

alunos demonstraram maior facilidade para argumentar e expor as ideias. Dos textos que apresentam algum problema de coerência há falhas em apenas um requisito, ao contrário dos da primeira versão que em muitos dos textos pudemos detectar mais de uma falha de coerência.

Esta diferença significativa entre as duas versões escritas prova que o professor tem um papel fundamental na escrita dos alunos em sala de aula, e deve dar uma atenção especial ao trabalhar com a produção textual. Quando o docente trabalha e discute com os alunos a temática solicitada, explica passo a passo a elaboração do tipo de texto e define um interlocutor real, alguém que vai ler o texto produzido, a escrita se torna algo menos complexo e mais significativo para o aluno. O estudante consegue ver-se como autor e busca uma escrita sem falhas, com o objetivo de expor suas ideias sem causar problemas de leitura ao interlocutor e, assim, atenta-se para a construção da coerência do texto.

Após todos estes apontamentos, faz-se propício concluir que o posicionamento do professor como mediador e os comandos textuais são de extrema relevância para a produção textual do aluno, uma vez que estes fazem com que o aluno se sinta mais seguro ao escrever e também mais valorizado em sua escrita sabendo que o seu texto será lido e seus pensamentos expostos no texto serão conhecidos não somente pelo docente. Por meio deste trabalho, percebemos que a prática textual em sala de aula deve ser aprimorada, visando uma melhora significativa na escrita do nosso aluno e fazendo com que ele perceba sua escrita como um fator de interação social por meio da linguagem e não somente um produto de avaliação para a obtenção de nota. Afinal, nosso objetivo como educador é formar o aluno para viver em sociedade e fazer um bom uso da língua, adequando-se às situações e atribuindo um sentido (coerência) à produção textual é um grande passo para interagir com a sociedade.

## Referências

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio- Parte II – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2008.
- BUIN, Edilaine. *Aquisição da escrita: coerência e coesão*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FRANZOI, Rafaela de Cássia. *Manifestações do interlocutor nas produções textuais escritas no ensino fundamental*. Maringá: UEM, 2009. 123 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, 2009.
- GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni Pulcinelli; OTONI, Paulo (Orgs.). *O texto: leitura e escrita*. 2. ed. rev. Campinas: Pontes, 1997.
- GERALDI, J. Wanderley; CITELLI, Beatriz. *Aprender e Ensinar com textos de alunos*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001. vol. 1.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A coesão textual*. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Texto e coerência*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U. 1986.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MENEGASSI, Renilson José. Professor e escrita: a construção de comandos de produção de textos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Unicamp-Campinas-SP, v. 1, n. 42, p. 55-79, jul./dez. 2003. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Disponível em: <<http://www.escrita.uem.br/escrita/pdf/rmenegassi1.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2008.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica no Estado do Paraná: Língua Portuguesa*. Curitiba, 2006.

SANTOS, Maria do Carmo O. T. *Retratos da escrita na universidade*. Maringá: Eduem, 2000.